

NÓS SAUDAMOS UMA VIDA MAIS DIGNA

PESQUISA
SOBRE SAÚDE DOCENTE
SINTE/SC - 2021

SAÚDE-SE!



Direção Executiva Sinte-SC

Luiz Carlos Vieira
Coordenador Estadual

Ilone Moriggi
Vice Coordenadora Estadual

Evandro Accadrolli
Secretária de Saúde dos Trabalhadores em Educação

Sandro Luiz Cifuentes
Secretário Geral

Diego de Souza Manoel
Secretário de Finanças

Vera Lucia Freitas
Secretária de Organização

Aldoir José Kraemer
Secretário de Formação Política e Sindical

Elivane Secchi
Secretária de Trabalhadores em Educação Admitidos em Caráter Temporário

Marlusa Aparecida Kayser Karklis
Secretária dos Aposentados e Assuntos Previdenciários

Cássia Regina da Costa
Secretária de Assuntos Educacionais e Culturais

Robson Cristiano da Silva
Secretário de Assuntos Jurídicos e Trabalhistas

Anna Julia Rodrigues
Secretária de Direitos Humanos e Gênero

Marcio José Pereira de Souza
Secretária de Igualdade Racial e Combate ao Racismo

Oswaldo de França
Secretário de Juventude

Grupo de Trabalho de Saúde do Docente

Adelson Antonio Lisot • Agenor Leal • Aldoir José Kraemer • Alveté Pasin Bedin • Ana Amélia Bedin • Cássia Regina da Costa • Daniel Swoboda Murialdo • Evandro Accadrolli • Gilson Gugel • João Batista Pessoa • José Roberto Paludo Assessoria • Katiane Weschenfelder Golin • Leonilda Aparecida Santana • Marcio de Souza • Maritânia • Nilton Valério Dias • Oswaldo de França • Rubens Cristovão Luvison • Salete Walter • Salete Maria Maioli Franceschini • Sandra Mara Santos Bergamo • Vera Lucia Freitas • Vinicius Aquinio

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO • 4

PARTE 1 - VARIÁVEIS DE CONTEXTO E VALIDAÇÃO • 6

PARTE 2 - SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS DOCENTES • 10

PARTE 3 - SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS DOCENTES • 17

PARTE 4 - SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS APOSENTADOS • 34

CONSIDERAÇÕES • 37

APRESENTAÇÃO

O tema da saúde no trabalho não é uma novidade, aliás, numa sociedade estruturada sob a lógica da distribuição desigual das riquezas produzidas pelo trabalho, o adoecimento físico e mental dos trabalhadores(as) é uma consequência direta da exploração da força de trabalho, porém, o que se altera em diferentes épocas são os mecanismos de espoliação.

Safatle, Silva Jr. e Dunker (2020) afirmam que para o neoliberalismo, o sofrimento psíquico deixou de ser um problema para se incorporar como um elemento chave na gestão do capital e isso não é diferente entre os trabalhadores(as) da educação.

Na era do trabalho flexível e precário, a gestão do sofrimento psíquico busca legitimar moralmente a internalização dos valores do capital, tornando os indivíduos autônomos “senhores de si” e únicos responsáveis pelo seu desempenho, desconectados de todos os fatores sócio-históricos e de contexto nos quais estão inseridos, levando-os a culpabilidade, autopunição, a solidão, ao cansaço, a depressão e cada vez mais ao suicídio.

Nesta segunda edição da Pesquisa de Saúde Docente (2021), coordenada pela recém criada secretaria de saúde do trabalhador do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Santa Catarina (SINTE), pode-se constatar um conjunto de fatores que desencadeia diferentes tipos de adoecimento, inclusive a ideação suicida, na categoria dos educadores(as).

Logo no início da pandemia diversas entidades de classe passaram a colocar a saúde no centro da sua agenda e alguns sindicatos e associações buscaram imediatamente constatar a situação dos seus trabalhadores em tempos de Covid-19. Em julho de 2020, o SINTE lançou a primeira pesquisa sobre a Saúde Docente e dentre os resultados se escutou um apelo, para que o sindicato colocasse o tema no centro das atenções. Dentre as prioridades apontadas pelos docentes, o que mais chamou a atenção foi que a saúde ficou à frente das questões salariais.

Diante disso, a direção do sindicato tomou diversas iniciativas imediatas, como por exemplo, uma campanha de esclarecimento sobre o enquadramento da Covid-19 como doença do trabalho quando contraída por decisão involuntária no exercício de sua função na modalidade presencial, além de outras iniciativas de longo

prazo, como a proposta de um programa permanente de saúde dos trabalhadores, com atuação em diferentes frentes: levantamento de informações sobre as condições de saúde dos docentes; ações preventivas e integrativas nas escolas; denúncias e esclarecimentos sobre os direitos dos trabalhadores(as); e, acima de tudo, plataforma de reivindicações por melhores condições de trabalho, junto ao governo do estado.

Tais ações estão em andamento, porém, considerou-se de fundamental importância repetir a pesquisa do ano anterior para acompanhar o desencadeamento das variáveis constatadas em 2020 e aprofundar outros aspectos que surgiram como hipóteses, e, eis que a pesquisa de 2021 apresentou resultados que confirmam algumas constatações e levantam novas preocupações impactantes.

A presente análise, refere-se à segunda pesquisa online anual sobre Saúde Docente, realizada pelo SINTE, realizada em outubro de 2021, na qual buscou-se manter o padrão do ano anterior, com alguns ajustes de contexto, permitindo a comparação dos dados na sequência de ano, iniciando uma série histórica.

Assim, divide-se a apresentação em quatro partes:

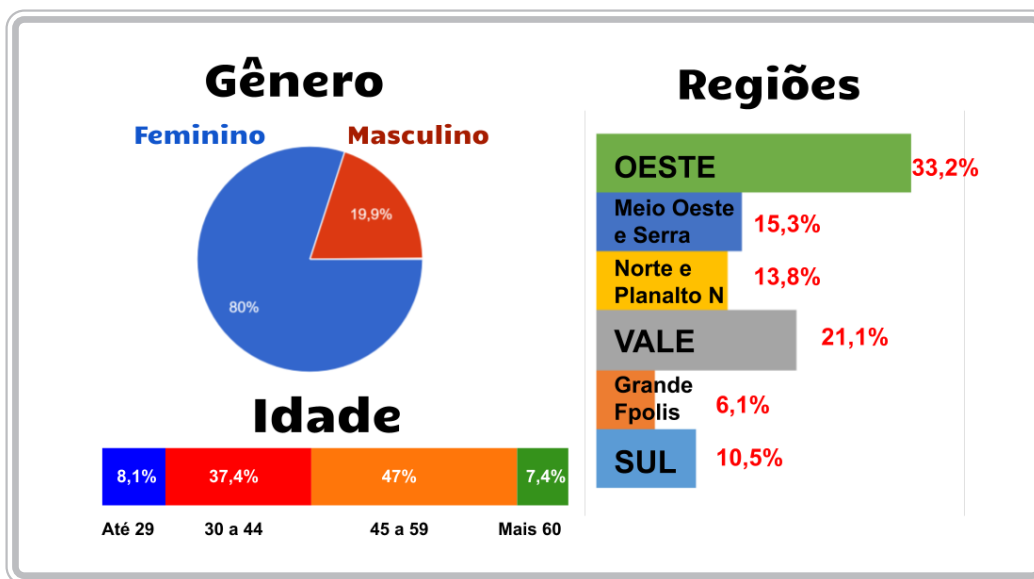
- Variáveis de contexto e validação da pesquisa
- Situação de trabalho no contexto da pandemia
- Situação de saúde dos trabalhadores(as) em educação
- Questões direcionadas para aposentados(as) (inovação incluída em 2021)

PARTE 1 - VARIÁVEIS DE CONTEXTO E VALIDAÇÃO

O SINTE representa um universo de aproximadamente 72 mil trabalhadores(as) na educação, sendo destes: 44 mil na ativa (24 mil concursados e 20 mil ACT); e, 28 mil aposentados. Deste universo, aproximadamente 71% são mulheres, de diferentes idades e regiões.

Considerando que uma amostra com 619 respostas seria o suficiente para se obter validade científica¹, a obtenção de 1.576 respostas (125 a mais do que o ano anterior) certificam a credibilidade da pesquisa. Do ponto de vista da distribuição de gênero foram 80% de mulheres que responderam (78,5% no ano anterior), um valor aproximado no universo da categoria.

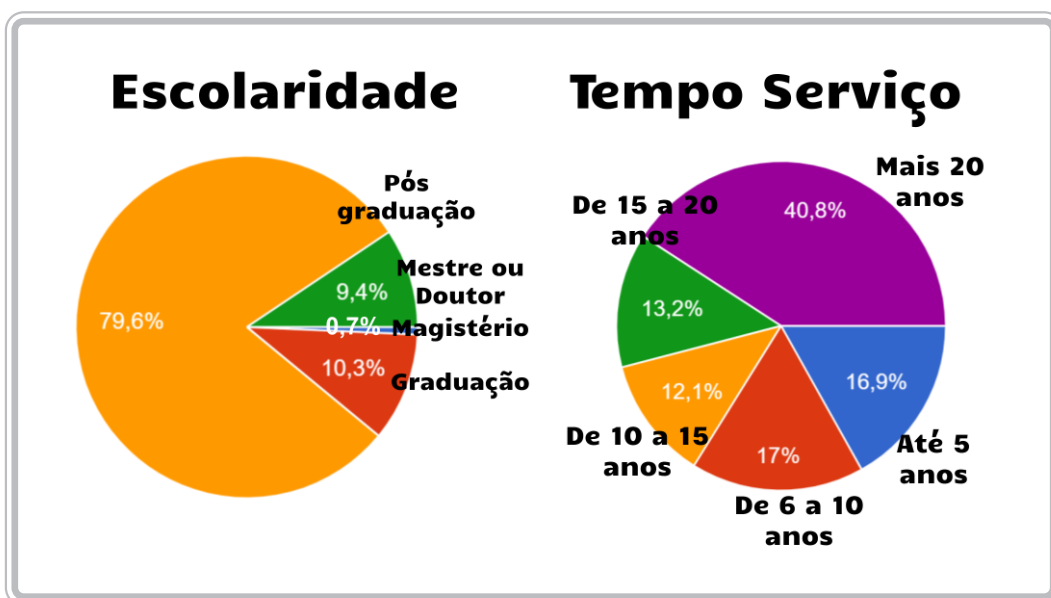
Em relação à idade praticamente manteve-se a mesma distribuição com pequena alteração nas faixas intermediárias. Apenas na distribuição regional pode haver certa desproporcionalidade em relação ao universo da categoria.



1 De acordo com Barbetta (2012) buscou-se calcular o tamanho da amostra (n_0), aplicando a fórmula $n_0=1/E_0^2$, sendo $E(4) = 625$. Daí, $n = (N) \cdot (625) / N + 625$, ou seja, a quantidade necessária para validação desta amostra é de 619 questionários.

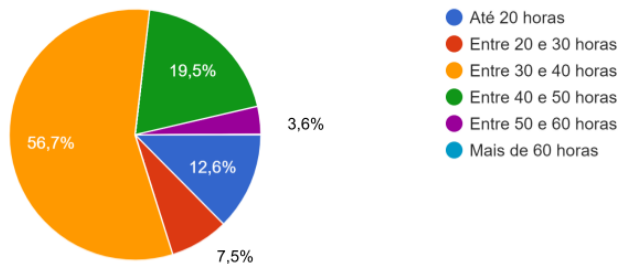
Outro tipo de variáveis demonstram o perfil da categoria docente, apresentando relativa semelhança de resultados percentuais comparadas às duas pesquisas.

Dentre as diferenças, destacam-se a jornada de trabalho, onde na pesquisa de 2020 foram 24,8% dos respondentes que trabalhavam entre 20 e 30 horas semanais, contra 7,5% em 2021, enquanto que menos de 20 horas semanais eram apenas 2% em 2020 e passou para 12,6% na pesquisa atual. Em relação ao tempo de profissão, eram 25,8% dos que responderam em 2020 com mais de 20 anos e passou para 40,8% atualmente e em relação ao vínculo reduziu de 41,5% o percentual de admitidos em caráter temporário (ACT) que responderam em 2020 para 29,2% em 2021, aumentando os aposentados de 1,4% para 10,6%, o que tornou a segunda amostra mais próxima do universo da categoria.

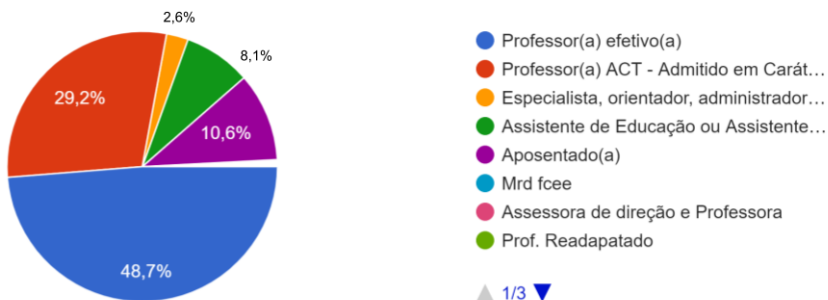


7- Qual sua carga horária na educação do Estado? Obs.: Se você for aposentado(a) indique com quantas horas se aposentou.

1.564 respostas



Vínculo trabalho com Estado

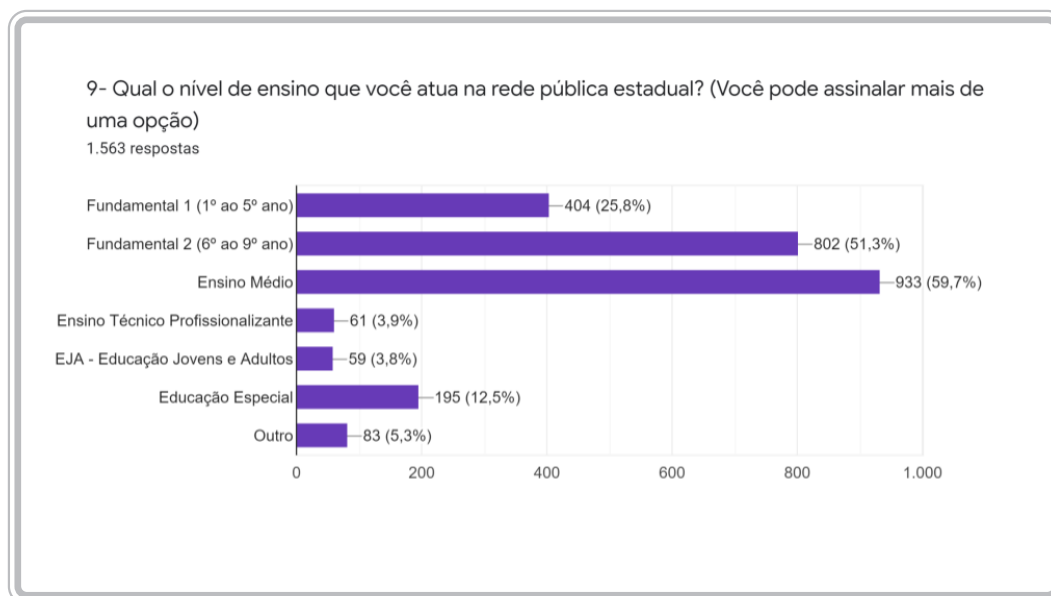


Outros vínculos de trabalho



Assim, pode-se afirmar que os profissionais da educação em Santa Catarina têm alto nível de escolaridade; trata-se de uma categoria bem distribuída em relação ao tempo de serviço; com uma jornada de trabalho elevada; mantendo ainda praticamente um terço dos profissionais com vínculos trabalhistas temporários (precários) e quase 80% dedicados exclusivamente ao magistério estadual.

A ampla maioria dos docentes da rede estadual atuam nos níveis de educação básica: ensino médio e fundamental, além da educação especial, profissionalizante e educação de jovens e adultos, nas seguintes áreas de conhecimento: 29,6% nas linguagens; 24,3% nas humanas e religião; 22,6% em pedagogia; 17,2% nas ciências da natureza; 13% em matemática; e 9,7% no setor administrativo.

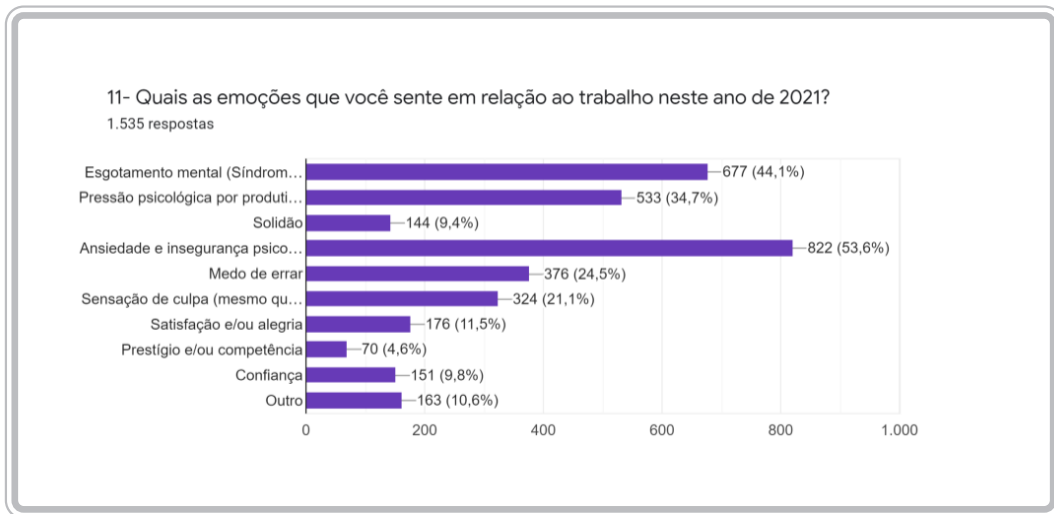




PARTE 2 - SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS DOCENTES

Na amostra de 2021 foram suprimidas questões relativas ao trabalho à distância, por se considerar que se tratava de uma realidade específica mais abrangente no ano anterior e também com o intuito de reduzir a quantidade de perguntas do questionário, mantendo-se especialmente as indagações relativas à situação da saúde docente.

Sendo assim, em 2020 a emocionalidade mais ressaltada foi a pressão psicológica por produtividade (887 respostas), praticamente igual a ansiedade e insegurança com 886 respostas e 740 queixaram-se de esgotamento mental. Já em 2021 a ansiedade e insegurança veio em primeiro lugar com 822, seguida do esgotamento mental (677 respostas) e somente em terceiro a pressão psicológica por produtividade com 533 respostas, ou seja, aqui já se percebe que a pressão foi muito forte durante a pandemia, porém, ao mesmo tempo que arrefeceu em 2021 a ansiedade e o esgotamento se mantiveram, possivelmente como consequência da pressão sofrida no ano anterior.

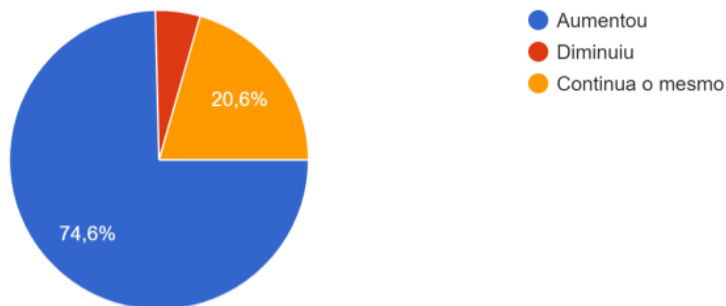


A mesma pergunta, em 2021, trouxe outras possibilidades de emocionalidades negativas, além das já citadas, como o medo de errar 376; sensação de culpa 176 e solidão 144. Essas questões também estavam em alta no ano anterior, pois, o medo de errar obteve 599 respostas, solidão 264 e sentir-se culpado por estar trabalhando de casa 234.

As opções de emoções positivas melhoraram em 2021: satisfação e alegria 176; confiança 151; e prestígio ou competência 70 respostas. Em 2020 foram respectivamente: 52; 76; e 50 respostas, ainda que a sensação de que a dedicação para o trabalho neste ano de 2021 aumentou para 74,6% em relação ao ano anterior e 20,6% sentem-se no mesmo patamar de dedicação que o ano passado.

12- O tempo de dedicação para o trabalho neste ano, em relação à 2020:

1.508 respostas

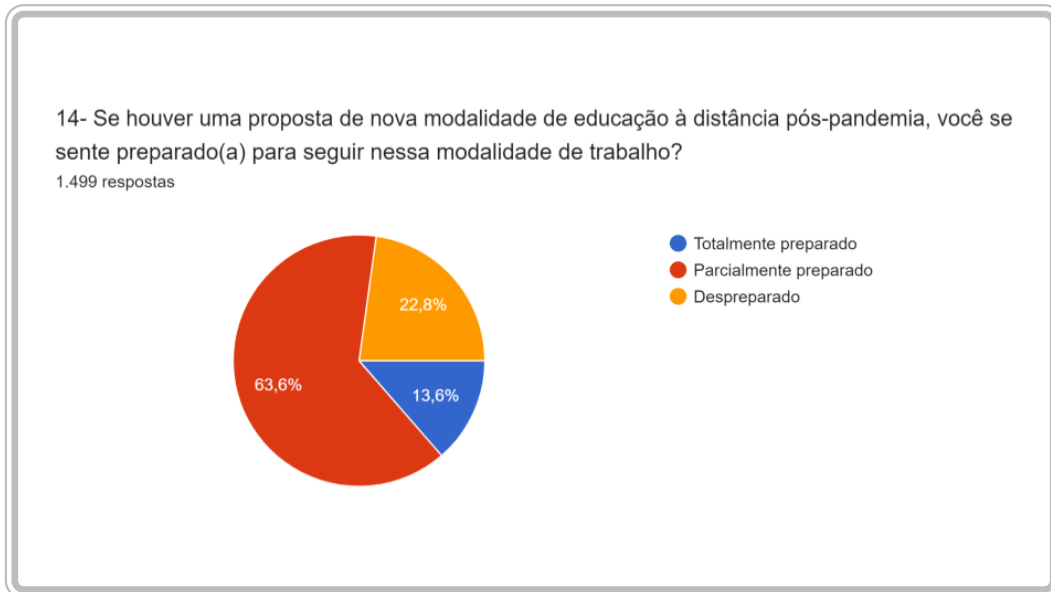


No entanto, a percepção do número de horas dedicadas ao trabalho além do seu expediente em 2021 reduziu em quantidade de horas excedentes: 13,6% menos de 1 hora; 37,7% entre 1 e 2 horas; 32% entre 2 e 4 horas; e 16,7% mais de 4 horas. No ano anterior foram apenas 2,4% que consideraram trabalhar menos de 1 hora a mais que a sua carga horária; 22,8% entre 1 e 2 horas; 37,2% entre 2 e 4 horas; e pelo menos 37,6% consideravam trabalhar mais de 4 horas além do seu expediente durante a primeira onda da pandemia.

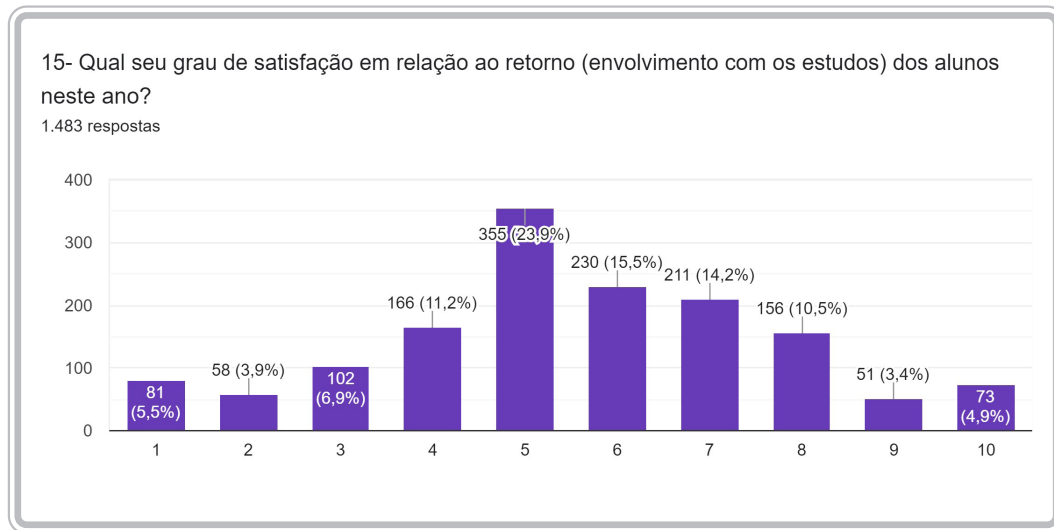
13 - Horas dedicadas ao trabalho



Assim, perguntou-se em 2021 se se sentem preparados se houver for implementada a modalidade de ensino à distância pós pandemia, uma minoria de 13,6% afirmou que sim, 63,6% parcialmente e 22,8% despreparados.



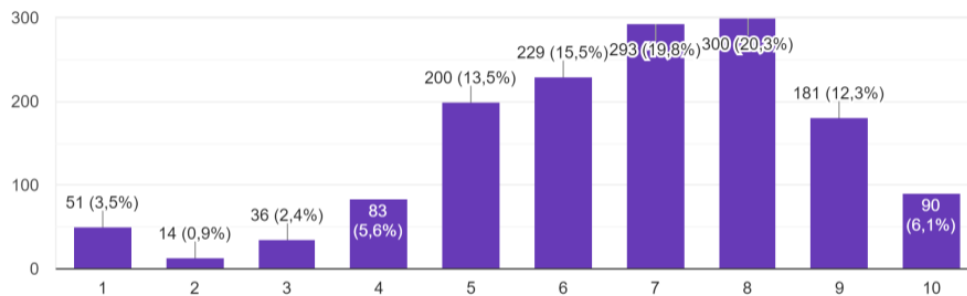
Outra pergunta ajustada em 2021 foi em relação ao grau de satisfação com o desempenho dos alunos após o retorno do regime presencial, numa escala de zero à 10, em 2020 o maior percentual concentrou-se na faixa inferior, entre os pontos 1 e 3 (44,8%); na faixa mediana relativa aos pontos 4, 5 e 6 foram 39,2%; apenas 6,2% na média 7 e 10,6% na faixa mais elevada. No anos de 2021 manteve-se baixo o percentual na faixa superior, entre os pontos 8 e 10 (9,8%), mas aumentou a média 7 (14,2%); a maioria se concentrou na faixa mediana (50,6%) e reduziu a avaliação mais negativa para 16,3%, ou seja, ainda persiste a preocupação com o desempenho dos estudantes, importante indicador de qualidade da educação.



Neste ano de 2021 foi incluída uma variável de autoavaliação, que poderá explicar em partes as emoções percebidas anteriormente e também pode ser relacionada com a satisfação em relação ao desempenho dos estudantes. No entanto, pode-se constatar que o grau de satisfação em relação ao seu próprio desempenho é melhor do que ao resultado esperado dos alunos, o que demonstra certa contradição, pois, se por um lado apresenta autoconfiança, por outro lado, a insatisfação anterior pode apontar sinais de emocionalidades negativas e desencadear em diferentes formas de sofrimento psíquico. Uma delas é o *burnout*, que é uma condição que acomete especialmente o trabalhador bem qualificado e bem comprometido, mas que não encontra as condições necessárias no seu meio laboral de desenvolver com plenitude suas funções e não vê resultados finais de seu trabalho condizentes e compatíveis com o seu empenho e dedicação, bem como, o reconhecimento também não é proporcional à sua qualificação profissional.

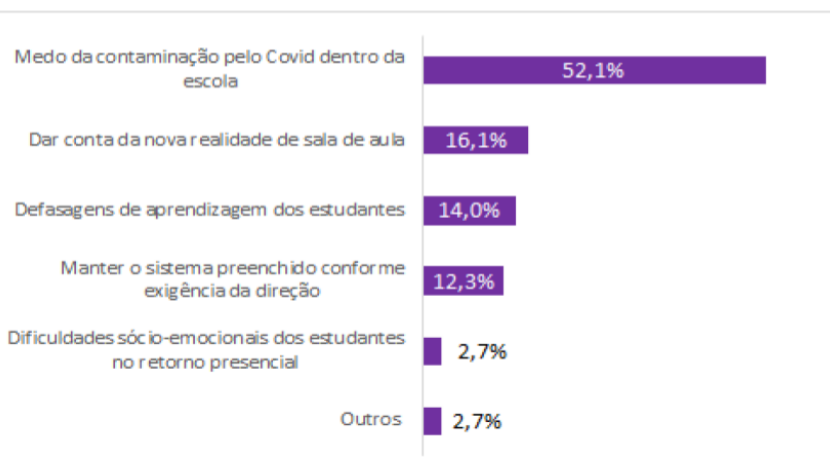
16 - Qual o seu grau de satisfação em relação à sua atuação profissional com o retorno dos alunos ao ensino presencial neste ano?

1.477 respostas



Outras variáveis que podem contribuir para explicar as doenças relacionadas com o sofrimento do trabalho docente são as dificuldades apontadas na pesquisa de 2021, atribuídas aos seguintes fatores: medo de contaminação com a Covid (52,1%); dar conta da realidade em sala de aula (16,1%), defasagem de aprendizagem (14%), manter o sistema de exigências da direção (12,3%) e as dificuldades socioemocionais dos estudantes apenas (2,7%).

Quais estão sendo suas principais dificuldades enquanto docente no ano de 2021?



Por fim, no questionamento em relação a postura do governo no momento atual em 2021, as opções dadas foram um pouco distintas daquelas ofertadas em 2020, por conta do contexto de pandemia, portanto, em 2021 33,4% avalia que o governo exige demais dos docentes em termos burocráticos, com preenchimento de sistema e outros, podendo ser comparada com a principal resposta de 2020 na qual 54,2% dos docentes avaliaram que a principal postura do governo era apenas o cumprimento do calendário letivo e outros 24% em dar respostas às famílias naquele contexto de pandemia, 9,2% achavam que o governo estava preocupado em rever o sistema de ensino, 5,7% preocupados com o futuro dos estudantes, 3,2% com a qualidade da educação como um todo e por último, 2,7% com as condições de trabalho dos professores. Neste ano de 2021, também 26,7% acham que o governo continua apenas preocupado em cumprir calendário, 18,7% em dar respostas às famílias, 6,4% com o sistema de educação, 5,3% com os estudantes, 5,2% com a qualidade da educação e novamente, em último lugar com apenas 4,1% consideram que o governo está preocupado com as condições de trabalho dos docentes, ou seja, o padrão de respostas praticamente se mantém.

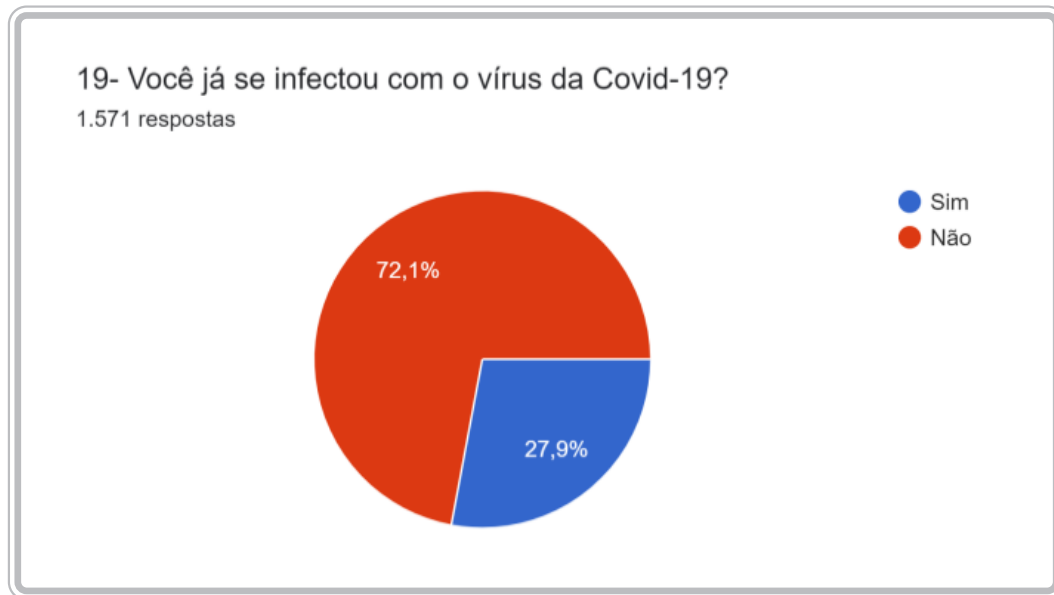


Ainda que preliminarmente, pode-se organizar uma hipótese comprobatória da teoria sobre a gestão do sofrimento psíquico no campo da educação, pois, com a sensação de desamparo por parte da gestão pública da educação (mostrada no gráfico acima, através da percepção da categoria sobre a postura do governo), o

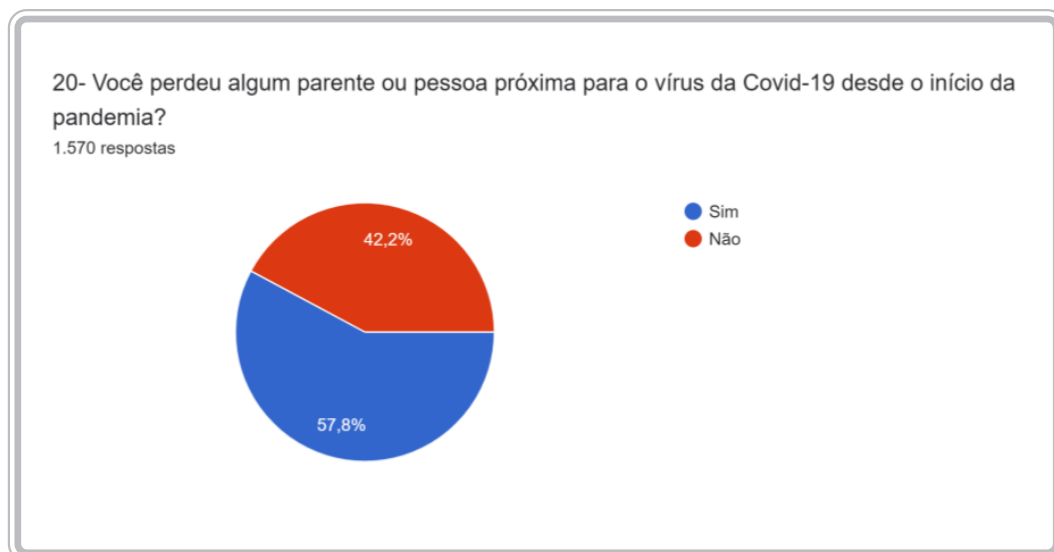
aumento da jornada de trabalho em horas excedentes, sobrecarregando ainda mais um padrão elevado de horas contratadas, possivelmente como consequência da necessidade de combinar trabalho remoto, presencial e híbrido, somado à pressão psicológica por resultados, o medo de errar e a solidão, desencadeiam nas emoções de ansiedade, insegurança, sensação de culpa, esgotamento mental e a síndrome de *burnout*. Todos estes fatores estão encadeados e é difícil separar onde começa um e termina outros, pelo contrário, se retroalimentam e se influenciam mutuamente. Portanto, há que se ampliar a análise e encontrar outros mecanismos de gestão dos conflitos que promovam emoções positivas e se contraponham ao sofrimento dos trabalhadores(as).

PARTE 3 - SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS DOCENTES

Em relação a saúde docente, que é o principal enfoque desta pesquisa, foram inseridas novas perguntas inicialmente, como por exemplo, se você já se infectou com o coronavírus onde 27,9% responderam que sim e os outros 72,1% não, o que aparentemente parece baixo porque é minoria, porém, quase um terço foi contaminada, ou seja, quase o triplo da média nacional, que no mesmo período, em outubro de 2021, era de 10,2% e quase o dobro da média estadual que é de 16,5% neste mesmo período de acordo com os dados do consórcio de veículos de imprensa e da secretaria estadual de saúde.



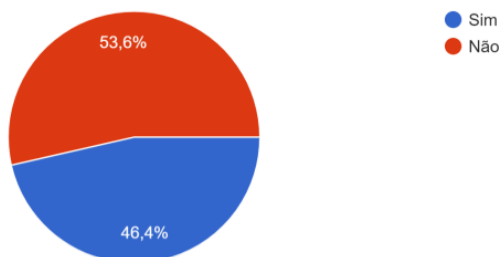
A pergunta seguinte é ainda mais surpreendente, pois 57,8% afirmam ter perdido algum parente ou pessoa próxima para o coronavírus e outros 42,2% felizmente não tiveram esse infortúnio, portanto, a percepção da morte foi muito presente, já que o percentual de mortos pela Covid no estado é de 0,27% da população, de acordo com os dados oficiais do governo do estado.



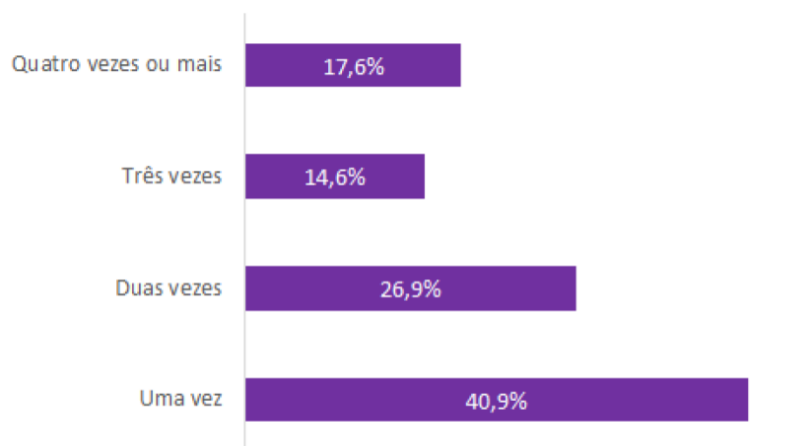
Sobre a saúde em geral, 46,4% afirmam ter tido algum problema de saúde que o afastou do trabalho somente neste ano de 2021, ou seja, quase a metade dos docentes, sendo que na pesquisa anterior 61,7% afirmaram terem tido essa situação ao longo da carreira, portanto, percebe-se que há uma frequência alta de incidência de problemas de saúde docente, inclusive pelo número de vezes que se repetiu, entre aqueles que se afastaram, apenas no ano de 2021, 17,6% se afastaram pelo menos quatro vezes, 14,6% três vezes; 26,9% duas vezes e 40,3 pelo menos uma vez.

21- Você já teve algum problema de saúde que lhe afastou do trabalho no decorrer deste ano?

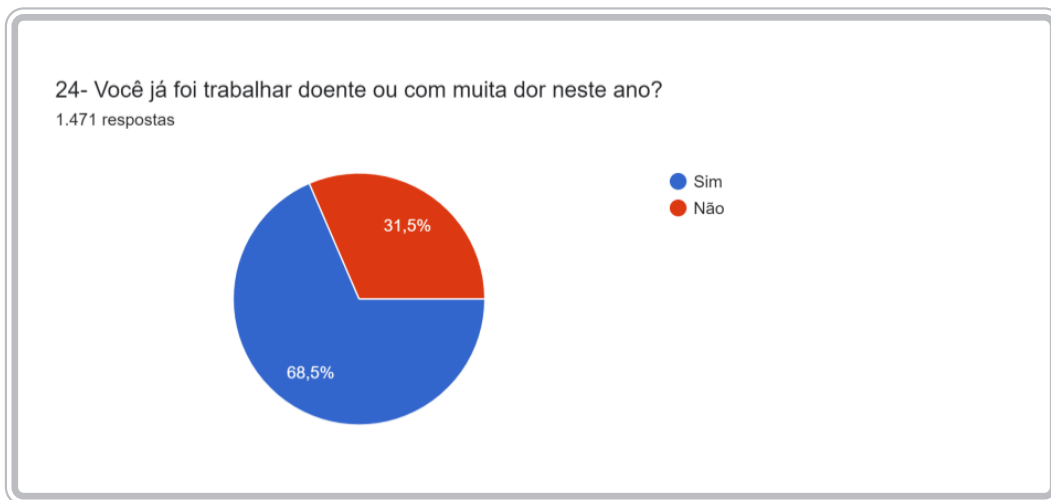
1.523 respostas



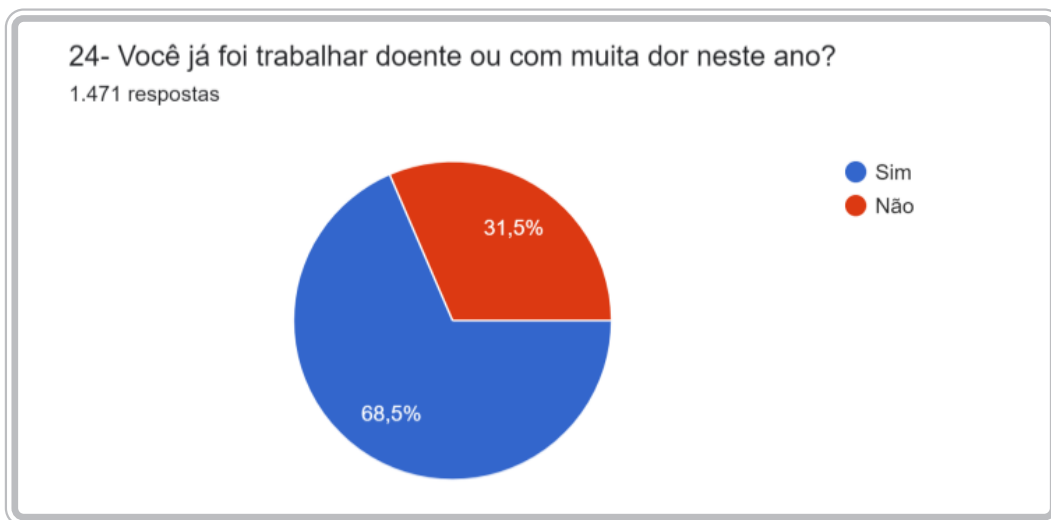
22- Se sim, quantas vezes você precisou se afastar do trabalho por questões de saúde neste ano?



Esta questão pode ser complementada pela quantidade média de dias que se afastaram ao longo da carreira perguntada em 2020, onde 58,6% se afastaram por até 15 dias; 15,9% entre 15 e 30 dias; 11,5% entre 30 e 60 dias e 14% mais de 60 dias, comparada com 2021 quando foi perguntado o número de dias apenas neste ano obteve-se as seguintes respostas: 44,9% até cinco dias; 27,6% entre seis e 15 dias; 10,8% entre 16 e 30 dias; e 16,5% mais de 30 dias.



Se trabalhou doente ou com muita dor, neste ano de 2021, 68,5% responderam que sim, considerando que 91,9% afirmaram o mesmo em 2020, com relação ao período da sua carreira.



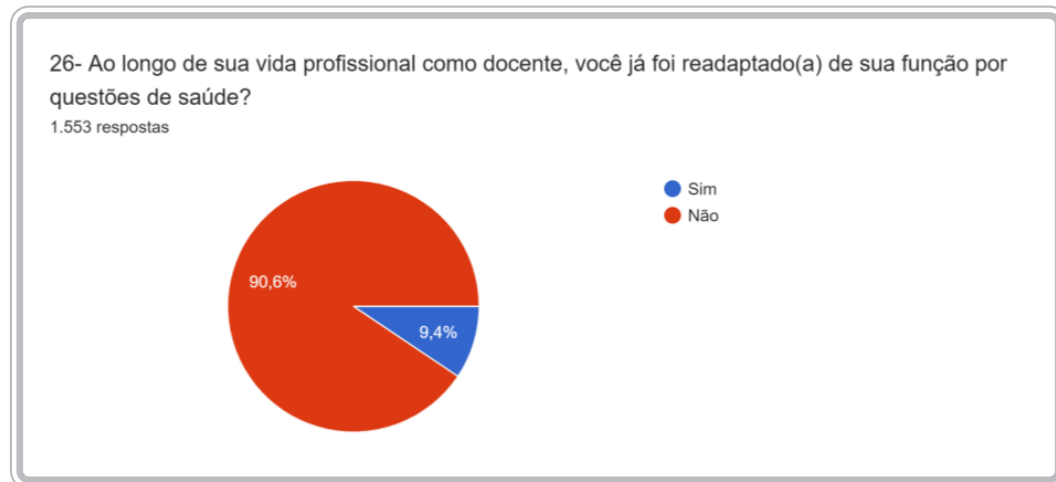
Dentre os motivos de ter trabalhado doente, em primeiro lugar em 2021 foi para não atrasar o conteúdo (24,1%) enquanto em 2020 também foi esse o motivo mais citado com 27,5% e em segundo lugar, em 2021, 24% por não ter consultado ou não ter atestado médico e 20,8% para evitar o uso de atestado, opções diferentes que foram acrescentadas em 2021. Em seguida foi motivo de não sofrer constrangimento (11,1%) e o receio de ter cortes ou diminuição de salário para 8,9%, percentuais menores que no ano anterior, que foi de 23,6% para a opção de receio de cortes e diminuição de salário e 17,7% por receio de constrangimento. Em 2021 9,3% afirmam ter trabalhado doente por medo de ser substituídos e 4% por medo de perder o emprego, opções que em 2020 foram de 21,4% e 9,8% respectivamente.

Segundo os motivos mais citados apontados pelos professores, nota-se que trabalhar com dor ou doente se dá, numa boa medida, em função do docente não querer atrasar o conteúdo ou para evitar o uso de atestados, ou seja, o alto grau de comprometimento com suas funções, frequentemente faz com que o professor priorize mais o trabalho do que as condições de sua saúde física e mental.

Outro ponto importante que os dados acima denunciam é como a situação de instabilidade gerada pela pandemia, aliada à gestão pública da educação do estado, agiram de forma a pressionar de maneira significativa o trabalho docente em 2020, ano do ensino exclusivamente remoto, quando o receio de cortes e diminuição salarial, o receio de constrangimento, medo ser substituídos e medo de perder o emprego, tiveram índices mais altos do que neste ano de 2021 (ensino híbrido).



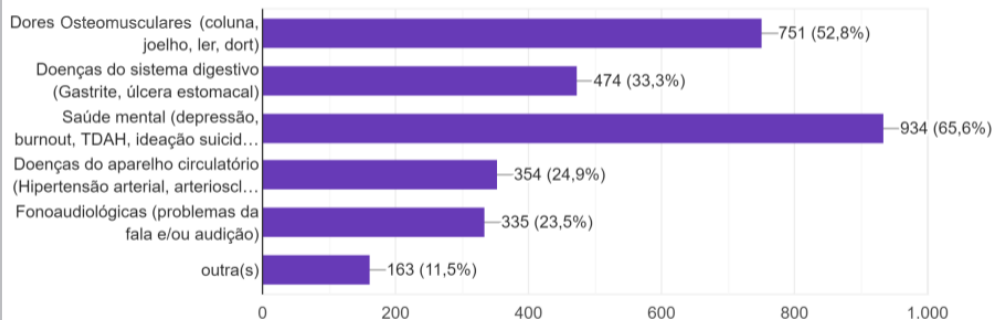
Por outro lado, apenas 9,4% afirmam terem sido readaptados por função de saúde ao longo de suas carreiras, mantendo um percentual de 90,6% não terem tido essa oportunidade, num percentual próximo ao do ano anterior quando 5,8% responderam que sim e 94,2% que não, para essa mesma pergunta.



Importante ressaltar que dentre as morbidades citadas, em 2021, também se mantém o mesmo padrão de respostas, em primeiro lugar questões relativas à saúde mental com 934 indicações (803 em 2020); dores osteomusculares 751 em 2021 (734 em 2020); seguidas de doenças do sistema digestivo 474 em 2021 (462 em 2020); sistema circulatório 354 em 2021 (335 em 2020); fonoaudiológico 335 em 2021 (323 em 2020) e 131 outros em 2021 (237 em 2020).

27- Dentre as morbidades listadas quais as que você considera que pode estar acometido e que você considera estarem relacionadas ao trabalho docente?

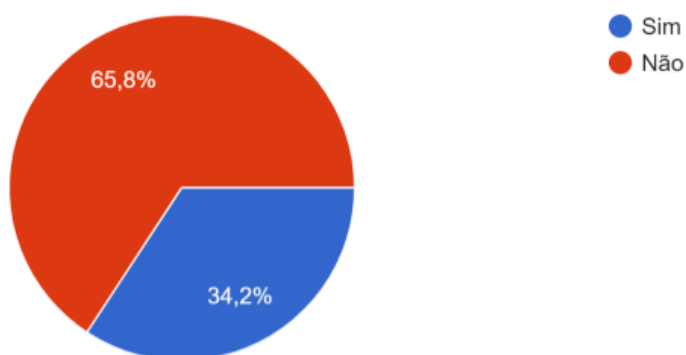
1.423 respostas



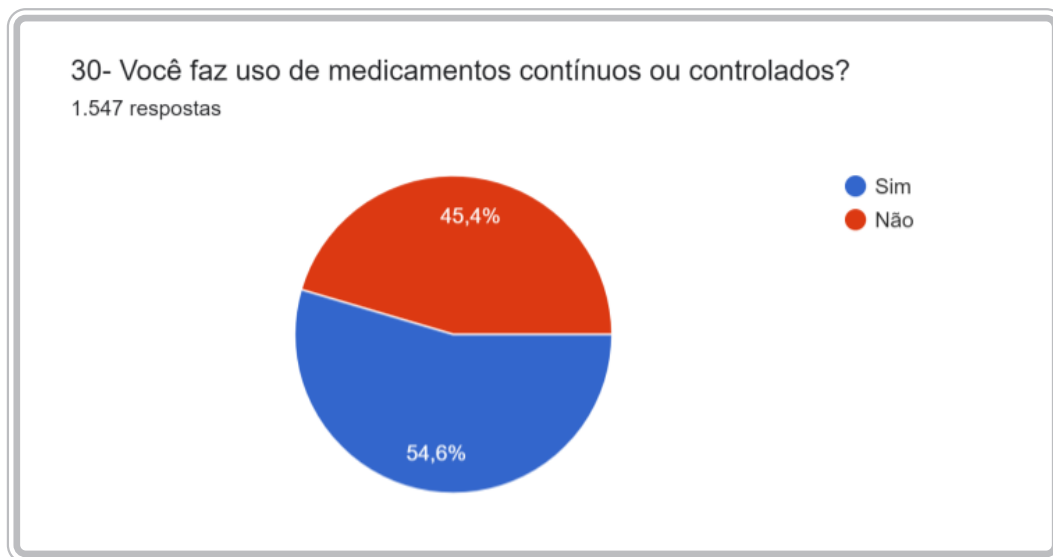
Em 2021, 34,2% dos docentes afirmaram serem portadores de doenças crônicas, ou seja, mais de um terço da categoria, mantendo-se próximo ao percentual de 37,7% em 2020.

28- Você é portador de doença(s) crônica(s)?

1.548 respostas



O mesmo ocorreu em relação a confirmação do alto percentual de uso de medicamentos contínuos ou controlados, que obteve 54,6% de respostas positivas em 2021 e 50,3% em 2020.



Neste ano de 2021 foi solicitado, aos que responderam afirmativamente, para citar quais as doenças e quais os medicamentos, em questões abertas na pesquisa.

Sobre as doenças crônicas que acometem os professores 33,8% apontaram ter ao menos uma doença crônica. Destas doenças, listadas em questão aberta, pode-se apresentar um ranking:

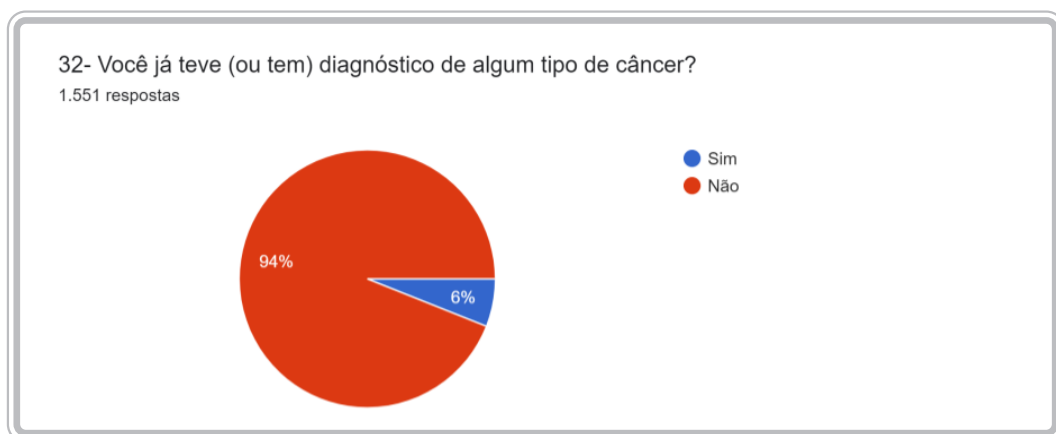
- Hipertensão (167) – mais de 10%!
- Diabetes (68)
- Depressão (51)
- Asma (42)
- Fibromialgia (35)
- Problemas de coluna (35)
- Ansiedade (34)
- Dores/doenças Osteomusculares (34)

- Hipotireodismo (33)
- Cardiopatias (30)
- Alergias/renite (24)

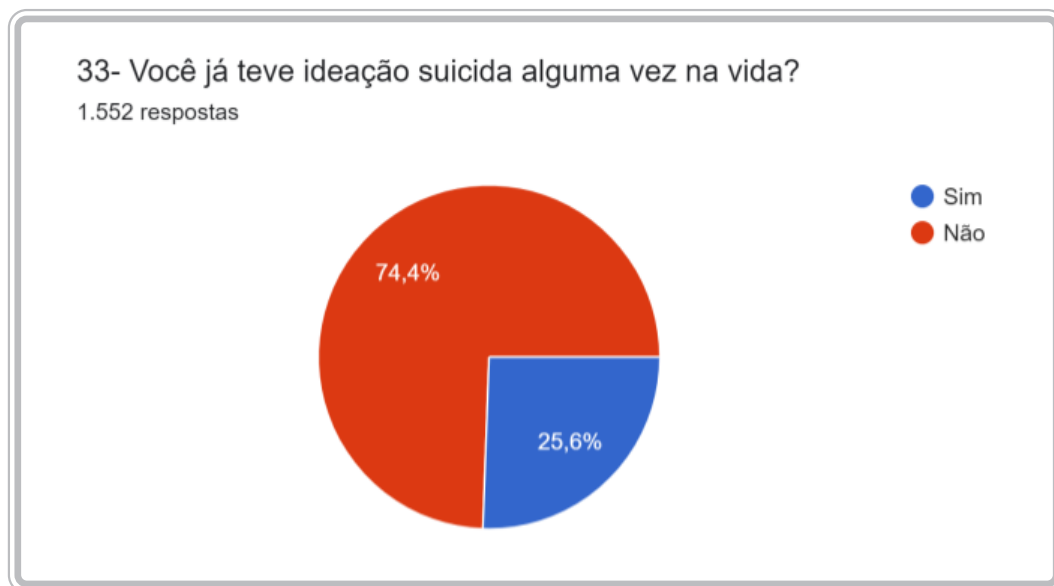
Na questão sobre quais medicações de uso contínuo ou controlado o professor faz uso, 52,47% indicaram ao menos uma medicação. Ou seja, mais da metade dos professores usam medicação contínua ou controlada, um índice bastante alto. As principais medicações listadas são alopáticas relacionadas ao tratamento das seguintes doenças:

1. Hipertensão e Cardiopatias
2. Depressão e Ansiedade (+ insônia, bipolaridade)
3. Doenças da Tireóide e tratamentos hormonais
4. Diabetes
5. Dor Crônica (fibromialgia, entre outras)
6. Problemas Digestivos
7. Asma
8. Outros (excesso de ácido úrico, antiepilético, corticóide)

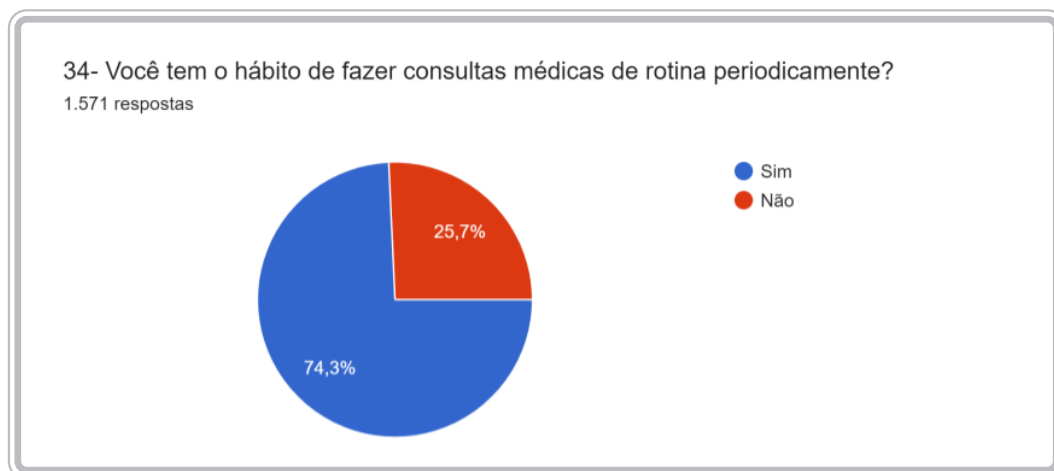
Foi incluída também a pergunta se já teve diagnóstico de algum tipo de câncer e 6% afirmaram que sim.



Assim, a resposta mais impactante foi dada à pergunta incluída em 2021, se o docente já teve alguma ideação suicida, pois foram 25,6% que responderam sim, mais de um quarto dos docentes. Lembrando que, segundo boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de setembro de 2021, Santa Catarina, ao lado do Rio Grande do Sul são os estados com as maiores taxas de suicídio do país.

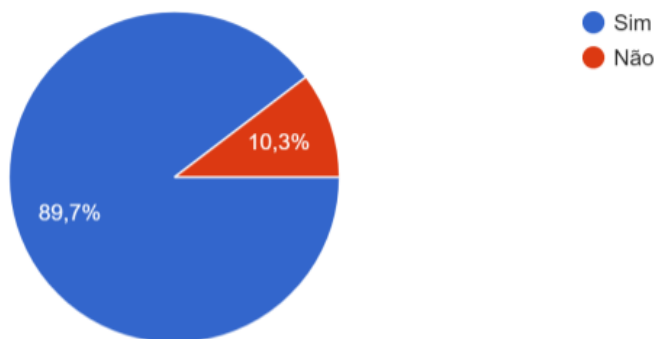


Sobre o hábito de fazer consultas médicas periódicas, 74,3% responderam afirmativamente, um pouco abaixo dos 83,4% de 2020, mesmo que o percentual dos que se consultaram apenas no período de pandemia aumentou para 89,7%.



35- Desde o início da pandemia até agora, você fez consultas médicas?

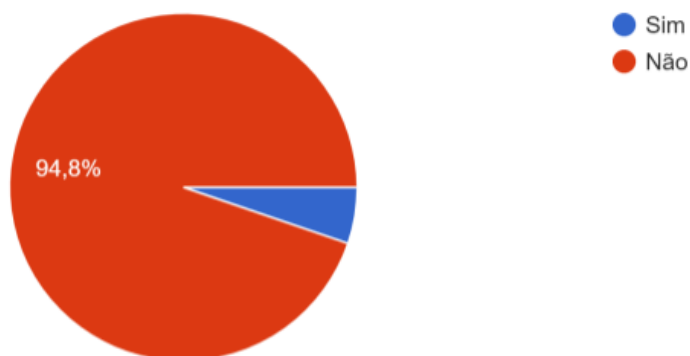
1.566 respostas



Entre os docentes, apenas 5,2% afirmam terem o hábito de fumar, mantendo o percentual próximo dos 7,7% em 2020 e 17,8% o hábito de bebida alcoólica regularmente, relativamente acima dos 9,7% em 2020. Sobre essa questão foi especificado um pouco mais neste ano, sendo 77,6% pouco ou baixo nível de consumo de álcool, 20,6% moderado e 1,8% alto.

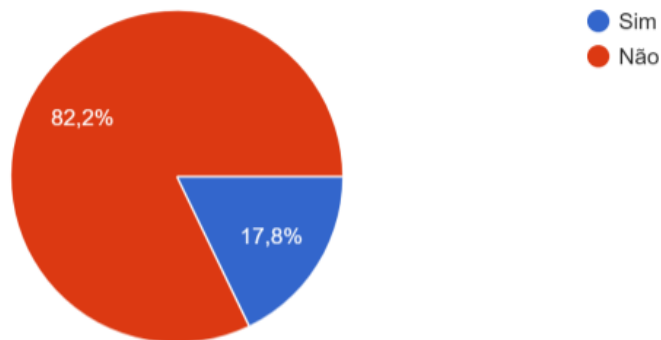
36- Você fuma regularmente?

1.569 respostas



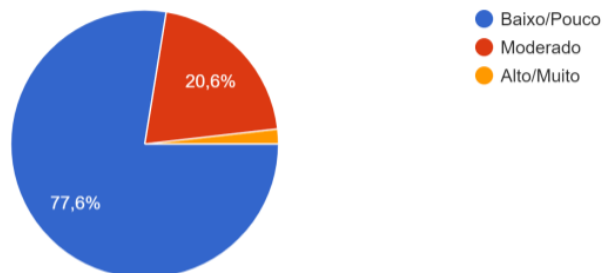
37- Você tem o hábito de ingerir bebida alcoólica regularmente?

1.571 respostas



38- Se você respondeu Sim à questão anterior, como você considera que seja esse uso?

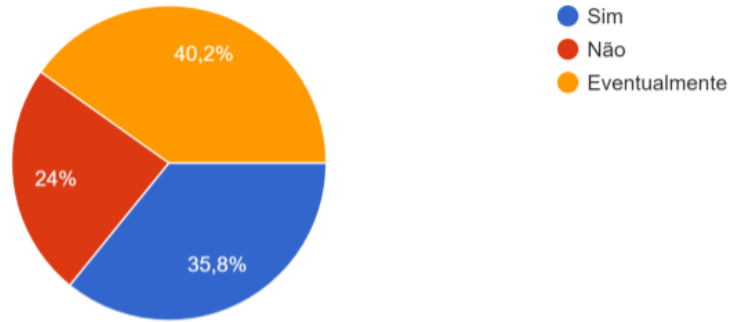
388 respostas



Sobre o hábito saudável de fazer exercício físico, 40,2% responderam eventualmente em 2021, próximo dos 47,9% em 2020, 35,8% responderam sim em 2021, pouco acima dos 27,6% de 2020 e 24% não o fazem, mantendo-se os 24,1% de 2020. Considerando que apenas 17,6% afirmaram terem mantido o hábito de exercício físico durante a pandemia, 28,9% mais ou menos e 53,6% não o mantiveram. Especificamente em relação às cordas vocais, 90,4% afirmam não fazer exercício, percentual próximo dos 84,1% que também afirmaram negativamente em 2020.

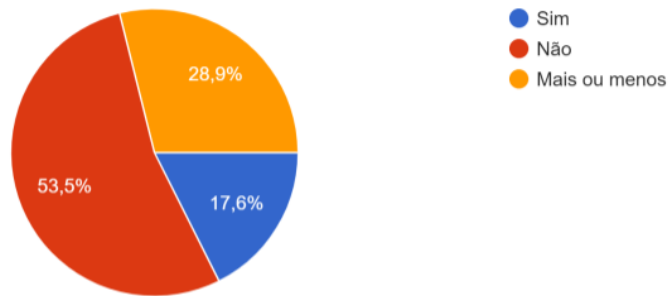
39- Você faz exercícios físicos regularmente?

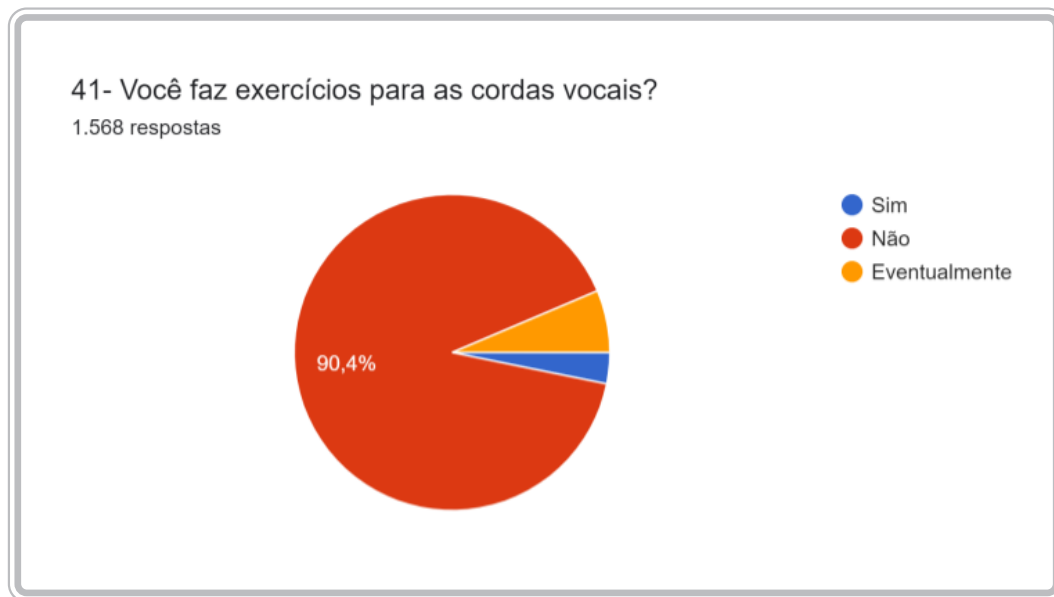
1.571 respostas



40- Você conseguiu manter seus hábitos de exercícios físicos durante a pandemia?

1.553 respostas

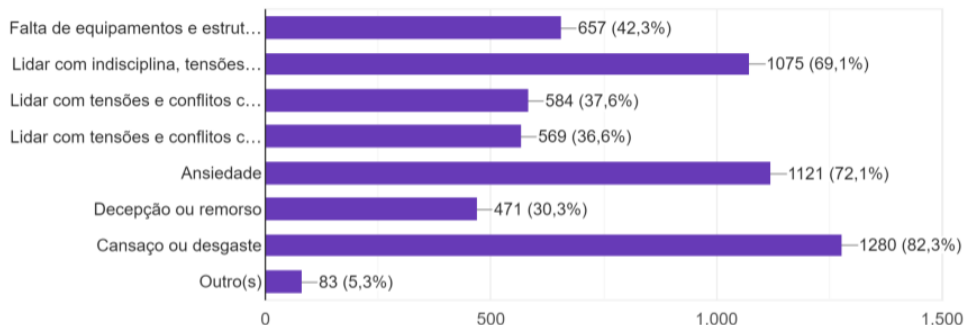




Em relação aos fatores atribuídos como causadores de problemas de saúde dos docentes as opções basicamente se mantêm na mesma ordem que em 2020, ficando em primeiro lugar o cansaço e desgaste com 1.280 indicações (1.124 em 2020); em 2021 a ansiedade passou para segundo lugar com 1.121 indicações contra 989 em 2020 (terceiro); seguida de lidar com a indisciplina, tensões e conflitos entre os alunos com 1.075 indicações (1.004 em 2020); falta de equipamentos 657 (761 em 2020); tensões e conflitos com pais 584, contra 656 em 2020, quando ficou muito próximos, mas um pouco abaixo dos conflitos com superiores e dirigentes das escolas 698 em 2020 e 569 em 2021. Por fim, decepção ou remorso foram 471 em 2021 e 470 em 2020.

42- Na sua opinião, quais fatores poderão causar problemas de saúde aos profissionais da educação na sua opinião?

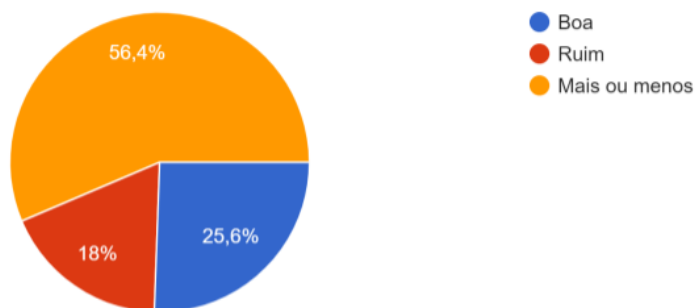
1.555 respostas



De modo geral, a autoavaliação sobre a saúde mental e emocional dos docentes neste momento é boa apenas para 25,6%, ruim para 18% e mais ou menos para 56,4%. Assim, somente ¼ dos professores consideram que estejam bem emocionalmente.

43- Como você avalia que esteja sua saúde mental/emocional neste momento?

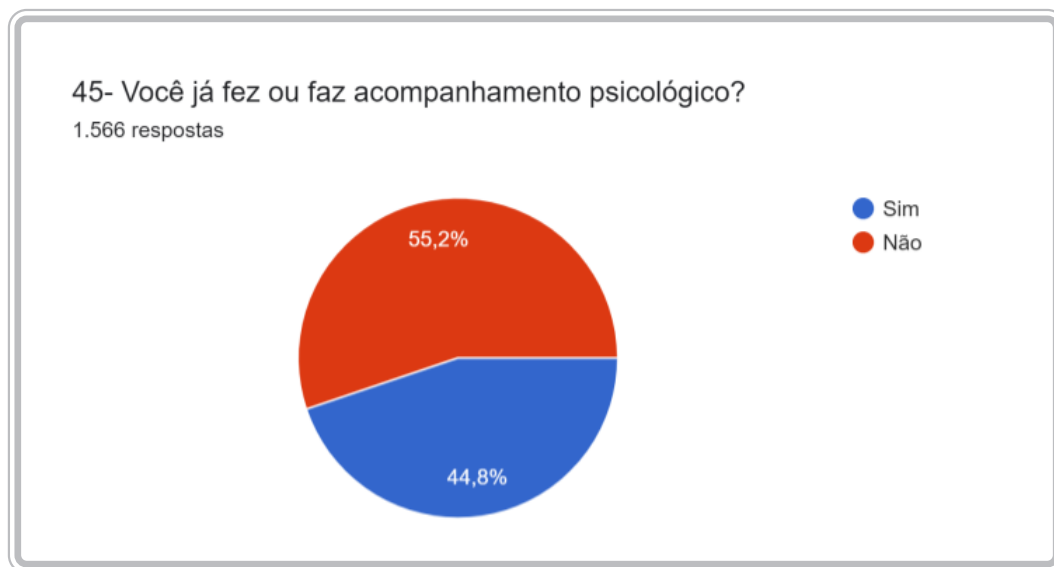
1.569 respostas

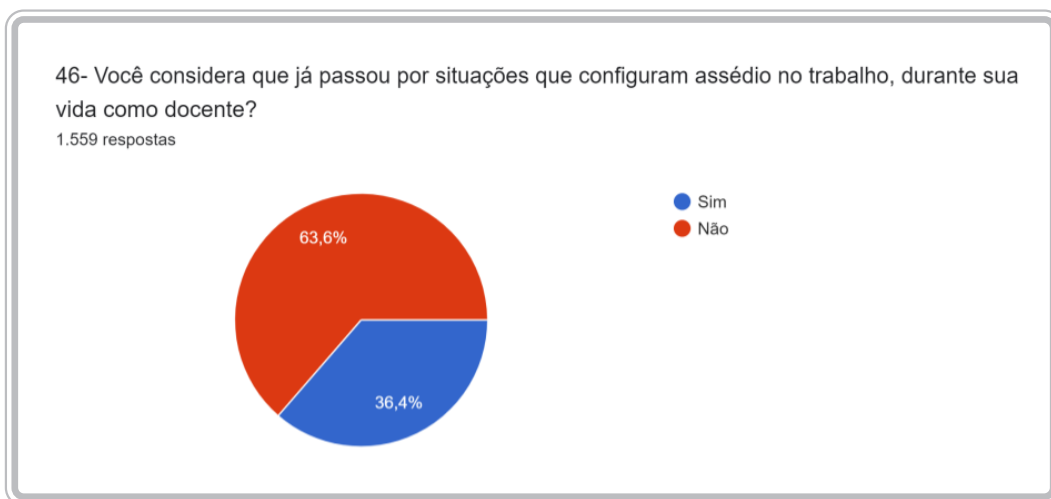


Se considera o trabalho como fator de doença ou mal estar emocional e psicológico, numa escala de 1 a 10, 18,3% se posicionaram no ponto 7, 48,3% acima de sete e apenas 33,4% corresponde a soma dos que se posicionaram do ponto 1 até 6 na escala. Ou seja, cerca de 2/3 dos entrevistados considera que o trabalho seja bastante responsável pelo seu bem ou mal estar emocional.



Afirmam já ter buscado acompanhamento psicológico 44,8% dos docentes. Por fim, 36,4% consideram já ter passado por situações de assédio moral no trabalho.





Esta pesquisa traz um conjunto de indicadores que se complementam no sentido de alertar para um ambiente de sofrimento e doentio relacionados ao trabalho docente, desde o alto índice de contaminação dos professores(as) com o coronavírus, duplicando ou triplicando a média estadual e nacional de contaminação e da forte percepção da morte de pessoas próximas. Inclua-se a confirmação da pesquisa anterior, que praticamente metade dos que responderam se afastaram por problemas de saúde no último ano, por diversas vezes e por um tempo relativamente longo, além daqueles que foram trabalhar doentes ou com dor, mesmo tendo atestados, para não atrasar conteúdo (individualização das responsabilidades e autopunição) ou por medo de constrangimento ou da perda do emprego, explicam o elevado percentual de todos os tipos de doenças.

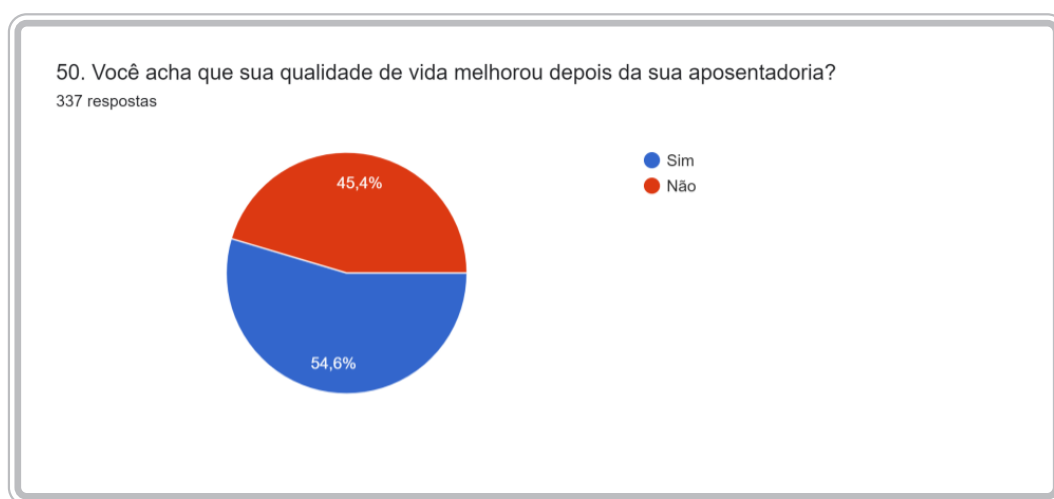
A pesquisa confirma também a prevalência das doenças psíquicas, mas, expõe a correlação entre os diversos tipos de diagnósticos, contudo, um dado que preocupa é a diminuição dos hábitos saudáveis de exercícios físicos que podem ter a ver com as consequências da pandemia, mas também com o aumento de horas de trabalho e do cansaço, aprofundando o círculo vicioso doentio e também mitigando a disposição física e psicológica para a realização da prática de atividades físicas.

Por fim, o maior impacto desta pesquisa ocorreu com a inclusão da pergunta sobre a ideação suicida e a constatação de que um(a) em cada quatro docentes já pensou nesta possibilidade, demonstrando o quanto é urgente e gritante a necessidade de políticas públicas e mudanças nas relações de trabalho voltadas para a humanização.

PARTE 4 - SITUAÇÃO DE SAÚDE DOS APOSENTADOS

Mais uma inovação da pesquisa em 2021 foi a inclusão de questões exclusivas em relação aos aposentados, que são aproximadamente 40% da categoria dos docentes representada pelo SINTE.

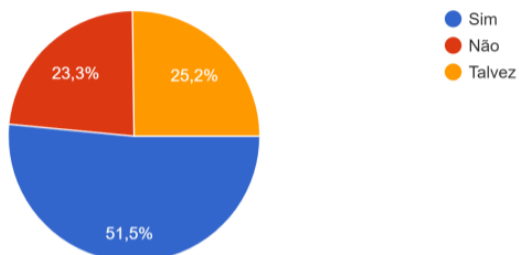
Na primeira pergunta deste bloco obteve-se 768 respostas, dos quais a maioria consideram-se preparados para lidar com a nova situação de vida relacionada com a aposentadoria.



No entanto, mais de metade destes consideram que desenvolveram alguma doença relacionada com o trabalho.

48. Durante sua vida profissional você acha que desenvolveu algum tipo de doença ou problema de saúde em função do trabalho?

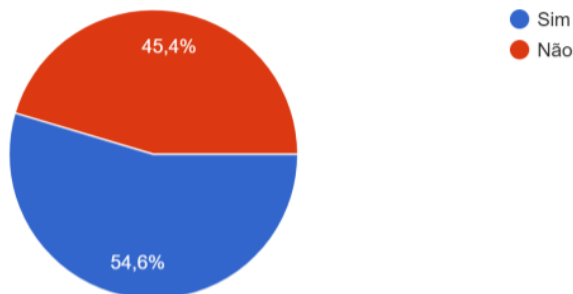
821 respostas



Apenas pouco mais de metade dos aposentados responderam que a vida melhorou depois da aposentadoria.

50. Você acha que sua qualidade de vida melhorou depois da sua aposentadoria?

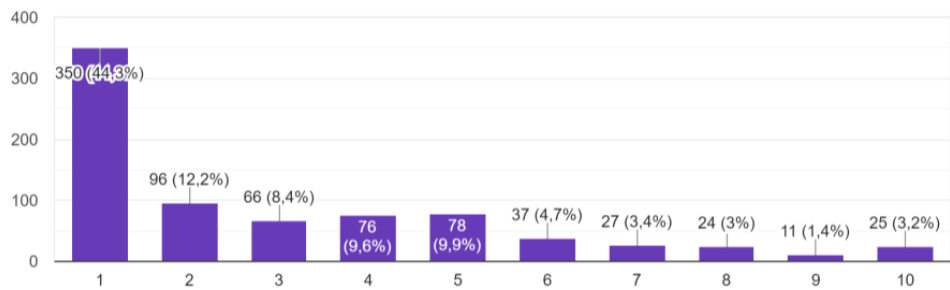
337 respostas



No entanto, há que se considerar que neste momento da pesquisa ainda não estava em vigor a taxaço sobre os proventos dos aposentados, dos quais eram isentos os que recebiam até seis salários mínimos e que lhes foi retirado esse direito recentemente, através da reforma da previdência imposta pelo executivo com o aval da maioria absoluta dos parlamentares catarinenses, o que poderá precarizar consideravelmente a qualidade de vida dos aposentados.

51. Você acha que a tendência é melhorar ou piorar sua qualidade de vida após a Reforma da Previdência estadual aprovada no último dia 04 de agosto de 2021 na Alesc?

790 respostas



CONSIDERAÇÕES

A segunda rodada da pesquisa sobre saúde docente realizada pelo SINTE é muito reveladora e importante, em primeiro lugar porque permite estabelecer análise comparativa com o ano anterior e recomenda-se que se mantenha a realização anual, construindo uma série histórica e contribuindo não apenas para a compreensão das condições de vida e saúde dos educadores(as) catarinenses, mas, trazendo possíveis achados que poderão ser generalizados para compreender a situação de trabalho em geral na sociedade atual.

A quantidade de respostas permite aferir confiabilidade aos resultados, traçando um perfil da categoria e apresentando importantes argumentos de construção de uma narrativa sobre a situação atual dos trabalhadores(as) em educação no estado de Santa Catarina, com base em informações consistentes que possibilitarão debates efetivos e lutas por políticas públicas concretas no sentido de reverter a precarização, esgotamento e adoecimento.

Por fim, pode-se afirmar que a categoria dos professores(as) está numa tendência de agravamento do adoecimento, especialmente da saúde mental em consequência de um conjunto de fatores estruturais e mudanças que estão ocorrendo, no sentido da individualização das responsabilidades, da autculpabilidade, da pressão por resultados sem que lhes sejam proporcionadas as condições para tanto, enfim, pelo processo de desumanização das relações sociais e de trabalho, que se manifestam em maior sofrimento e doenças psíquicas, num esgotamento e cansaço que precisa, urgentemente, ser revertido.

SIGA O SINTE-SC NAS REDES SOCIAIS:



Twitter

twitter.com/sintesc



YouTube

www.youtube.com/user/SINTE-SC



Facebook

www.facebook.com/sintesantacatarina



Instagram

[@sinte.sc](https://www.instagram.com/sinte.sc)

www.sinte-sc.org.br



SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA

Rua Tiradentes 167 • Centro • Florianópolis-SC • CEP 88010-430

(48) **3212-0300**